

RESPOSTA DE UM ANARQUISTA AOS ÚLTIMOS MOICANOS DO MARXISMO E DO LENINISMO, ASSIM COMO AOS INÚMEROS PINTAINHOS DA DEMOCRACIA.

Ed. Sotavento, Faro (Portugal), 1991.

RÉPONSE D'UN ANARCHISTE AUX DERNIERS MOHICANS DU MARXISME-LÉNINISME, AINSI QU'AUX INNOMBRABLES POUSSINS DE LA DÉMOCRATIE.

Éd. Sotavento, Faro, 1991.

- 1 -

SOBRE A TEORIA DO DOMÍNIO

Pelo simples enunciado do vosso arrazoado se topa logo o primeiro e decisivo obstáculo contra o qual, impotente, o vosso pensamento esbarra: será que não tendes uma *teoria do domínio*? Não compreendestes ainda que as aludidas classes sociais, não redutíveis aliás à dinâmica duma dialéctica banalmente bipolar, antes hierarquizadas no interior duma pirâmide em que o explorador de um é por via de regra o explorado doutro, têm que ser dominadas antes de ser exploradas e que a categoria do domínio é mais vasta do que a da exploração, decorrendo historicamente uma da outra?

Seria aconselhável, se não fosseis tão dogmáticos nos vossos pensamentos fósseis, que pudésseis informar-vos um pouco sobre as sociedades ditas primitivas («*as primeiras sociedades de abundância*»), a génese do Estado, do fenómeno guerreiro ou predador, da mitologia e da religião e, muito especialmente, sobre a «*servidão voluntária*» — fenómeno escarpado há séculos por Étienne de la Boétie. Não, não é questão de que esqueçais o problema da produção material e do tubo digestivo que precisa de comer para defecar, como qualquer glutão ou grevista da fome sabe; é tão somente questão de que possais evoluir de um materialismo grosseiro e estomacal para formas (e conteúdos) mais elaborados de materialismo... Que diabo!, falar-se de Deus e do Estado, da teologia e da política, e no triste papel por elas desempenhado na mistificação da humanidade, não equivale nem a ser-se deísta nem a ser-se estatista! Nem a uma tentativa desespera-

- 1 -

SUR LA THÉORIE DE LA DOMINATION

Dès l'énoncé de votre argument, le premier et décisif obstacle auquel votre pensée se heurte, impuissante, apparaît clairement: n'avez-vous donc aucune théorie de la domination? N'avez-vous pas encore compris que les classes sociales susmentionnées, qui ne se réduisent pas à la dynamique d'une dialectique bipolaire banale, mais sont plutôt hiérarchiquement organisées au sein d'une pyramide où l'exploiteur des uns est, en règle générale, l'exploité des autres, doivent être dominés avant d'être exploités, et que la catégorie de domination est plus large que celle d'exploitation, les deux découlant historiquement l'une de l'autre?

Si vous n'étiez pas si dogmatiques dans votre pensée figée, il serait judicieux de vous renseigner un peu sur les sociétés dites primitives («*les premières sociétés d'abondance*»), la genèse de l'État, le phénomène du guerrier ou du prédateur, la mythologie et la religion, et surtout sur la «*servitude volontaire*» - un phénomène analysé il y a des siècles par Étienne de La Boétie. Non, il ne s'agit pas d'oublier le problème de la production matérielle et du système digestif qui a besoin de manger pour déféquer, comme tout glouton ou gréviste de la faim le sait; il s'agit simplement d'évoluer d'un matérialisme grossier et nauséabond vers des formes (et des contenus) de matérialisme plus élaborées... Quelle horreur! Parler de Dieu et de l'État, de théologie et de politique, et du rôle déplorable qu'ils jouent dans la mystification de l'humanité, ce n'est être ni déiste ni étatiste! Ce n'est pas non plus, croyez-

da, podeis crer, de obscurecimento dos mecanismos do domínio e da exploração...

Na conformidade, não se pode atacar eficazmente «*Das Kapital*» sem se atacar o Estado. Não esta ou aquela forma de Estado, - Estado escravagista, feudal, burguês ou «*proletário*»; Estado democrático, constitucional e de Direito ou Estado ditatorial, - mas o Estado sem adjetivos e substancial, o grande mediador, a instituição das instituições, o exemplo por excelência da organização hierarquizada e piramidal da sociedade, em que contam tanto as pequenas unidades básicas de enquadramento quanto os grandes conjuntos desumanizantes. O Estado, em suma, corporizado nos seus larguíssimos milhares de funcionários, burocratas, tecnocratas, gestores, deputados, ministros, autarcas, magistrados, polícias e militares, funcionando sempre de cima para baixo e do centro para a periferia, por mais democrático e descentralizado que se auto-proclamé.

É que o Estado, «*criador e criatura*» de privilégios, como dizia Malatesta, tanto defende os interesses das classes possidentes existentes em determinado momento histórico como gera nas suas entranhas e circuitos novos interesses e novas classes dominantes e, por conseguinte, exploradoras. Até na sociedade capitalista aparentemente mais «*liberal*», com o Estado reduzido ao ínfimo papel de polícia e o factor económico mais autonomizado possível, «*o Estado tem uma vitalidade própria e constitui com os seus componentes estáveis ou electivos, com os seus funcionários e magistrados, com os seus polícias e clientes, uma verdadeira e própria classe social à parte...*» (Luigi Fabbri). A coisa é tão evidente que «*se o capitalismo fosse destruído e se deixasse subsistir um governo, este governo, mediante a concessão de toda a espécie de privilégios, criá-lo-ia de novo...*» (Congresso de Bolonha da *União Anarquista Italiana*, Julho de 1920). O rótulo, como se depreende, pouco importa, podendo esse hipotético governo intitular-se canhoto, esquerdino, ambidestro, popular, proletário, socialista (com o ou com u) ou comunista...

Contudo, tal como os marxistas, leninistas e restantes funâmbulos da derradeira religião revelada — a do socialismo ou comunismo autoritário —, sois incapazes de ver a questão social com esta limpeza. Consequentemente, caís, em meu entender, num duplo erro:

1- Por um lado, como achais que a vida social está economicamente condicionada (o que está certo) e descambais no economicismo (o que está errado), tendes tendência para ver no Estado apenas

moi, une tentative désespérée de masquer les mécanismes de domination et d'exploitation...

Par conséquent, on ne peut s'attaquer efficacement au «*Capital*» sans s'attaquer à l'État. Non pas à telle ou telle forme d'État, - État esclavagiste, féodal, bourgeois ou «*prolétarien*»; État démocratique, constitutionnel et de droit, ou État dictatorial, - mais à l'État dans son essence même, sans adjectifs ni substance, le grand médiateur, l'institution des institutions, l'exemple par excellence de l'organisation hiérarchique et pyramidale de la société, où comptent aussi bien les petites unités de base que les vastes structures déshumanisantes. L'État, en somme, incarné par ses milliers de fonctionnaires, bureaucrates, technocrates, gestionnaires, députés, ministres, maires, magistrats, policiers et militaires, fonctionnant toujours du sommet à la base et du centre à la périphérie, aussi démocratique et décentralisé qu'il puisse se proclamer.

Le fait est que l'État, «*créateur et progéniteur*» de privilèges, comme le disait Malatesta, défend les intérêts des classes possédantes à un moment historique donné tout en engendrant, au sein de ses entrailles et de ses circuits, de nouveaux intérêts et de nouvelles classes dominantes et, par conséquent, exploiteuses. Même dans la société capitaliste en apparence la plus «*libérale*», où l'État est réduit au rôle minimal de police et à l'autonomie économique la plus totale, «*l'État possède sa propre vitalité et constitue, avec ses composantes stables ou élues, avec ses fonctionnaires et magistrats, avec sa police et ses clients, une véritable classe sociale à part entière...*» (Luigi Fabbri). Le phénomène est si évident que «*si le capitalisme était détruit et qu'un gouvernement était autorisé à subsister, ce gouvernement, en octroyant toutes sortes de privilèges, le recréerait...*» (Congrès de Bologne de l'*Union anarchiste italienne*, juillet 1920). L'étiquette, comme on le voit, importe peu. Ce gouvernement hypothétique pourrait se qualifier de gauche, gauchiste, ambidextre, populaire, prolétarien, socialiste (avec un o ou un u (*)), ou communiste...

Cependant, à l'instar des marxistes, des leninistes et autres funâmbules de la religion révélée ultime - celle du socialisme ou du communisme autoritaire -, vous êtes incapable d'appréhender la question sociale avec cette lucidité. Par conséquent, à mon avis, vous commettez une double erreur:

1- D'une part, puisque vous croyez que la vie sociale est conditionnée économiquement (ce qui est exact) et que vous sombrez dans l'économisme (ce qui est faux), vous tendez à considérer l'État comme une simple superstructure, une méga-ma-

(*) Alusão a termos idiomáticos antigos ou, muito provavelmente, locais. (Nota A.M.).

(*) Allusion à des vocables idiomatiques anciens, ou locaux, selon toute vraisemblance. (Note A.M.).

uma superestrutura, uma mega-máquina que, em melhores mãos (nas vossas, obviamente), até pode dar melhores frutos. Assim, a uma geringonça tão providencial e tão instrumentalizável até podeis confiar novas atribuições, para além das que lhe são tradicionalmente cometidas pela burguesia: a expropriação dos expropriadores, por exemplo, convertendo-se o vosso modelar e canonizável Estado «*proletário*» no expropriador único.

2- Por outro (erro de sinal contrário), por muito economicistas e materialistas que vos digais, quando não soçobrais na expectativa e no determinismo de tipo fatalista (a pêra há-de cair de madura, as contradições íntimas e objectivas do sistema hão-de fazer com que ele se autodestrua, etc...), tendes da revolução social uma noção perfeitamente golpista e politicante. É assim que continuais a manipular, agitando-o antes de usá-lo, o conceito especioso de «*ditadura do proletariado*», ditadura essa, segundo o vosso superior critério, «*de modo nenhum posta em causa mas confirmada pela derrota da revolução russa*», porquanto, para vossorias, «*foi por a ditadura do proletariado ser tão débil que o poder de Estado passou para o controlo duma burguesia burocrática e a revolução se afundou*».

No meio de toda essa balbúrdia para vós extremamente operacional e sobretudo insusceptível de vos levar a erros práticos, achais que os anarquistas consubstanciam «*uma corrente de pensamento que não consegue ver mais do que Homens abstractos face a princípios abstractos, como Igualdade, Liberdade, Autoridade*». Um escol de patetas, resumindo e concatenando, «*como aqueles pobres das aldeias que ainda não se deixam enganar com histórias sobre viagens interplanetárias...*». Precisamente porque, «*ao verem o inimigo não na classe burguesa mas no Estado em geral, os anarquistas passam ao lado da questão aferidora de todas as correntes políticas: como fazer sair os trabalhadores da prisão do Estado burguês? como derrubar a burguesia?*».

Mas que «*infantilismo*» (a expressão é vossa), não é verdade? Resta é saber se tal infantilismo nos é imputável, a nós que somos incrédulos — até porque o ateísmo, em política, dá pelo nome de anarquismo — ou a vós que, na vossa qualidade de arquistas, ainda acreditais no pai natal ou na história da carochinha. Senão vejamos...

chine qui, entre de meilleures mains (les vôtres, manifestement), pourrait même produire de meilleurs résultats. Ainsi, vous pouvez même attribuer à cette machine providentielle et instrumentalisable de nouvelles attributions, en plus de celles que la bourgeoisie lui attribue traditionnellement: l'expropriation des expropriants, par exemple, transformant votre État «*prolétarien*», modèle et canonisable, en unique expropriant.

2- D'un autre côté (erreur de signe opposé), aussi économistes et matérialistes que vous puissiez vous prétendre, lorsque vous ne cédez pas à l'attente et au déterminisme fataliste (la poire tombera quand elle sera mûre, les contradictions intrinsèques et objectives du système entraîneront son autodestruction, etc...), vous vous retrouvez avec une conception parfaitement putschiste et politiste de la révolution sociale. C'est ainsi que vous continuez à manipuler, en l'agitant avant de l'utiliser, le concept spécieux de «*dictature du prolétariat*», une dictature qui, selon vos critères supérieurs, «*n'a nullement été remise en question mais au contraire confirmée par la défaite de la révolution russe*», car, pour vous, «*c'est parce que la dictature du prolétariat était si faible que le pouvoir d'État est passé aux mains d'une bourgeoisie bureaucratique et que la révolution a sombré*».

Au milieu de tout ce bavardage, si pratique pour vous et surtout si peu susceptible de vous induire en erreur, vous pensez que les anarchistes incarnent «*un courant de pensée incapable de voir autre chose que des hommes abstraits confrontés à des principes abstraits, tels que l'Égalité, la Liberté, l'Autorité*». Une bande d'imbéciles, pour résumer, «*comme ces pauvres gens des villages qui ne se laissent toujours pas berner par les histoires de voyages interplanétaires...*». Précisément parce que, «*en voyant l'ennemi non pas dans la bourgeoisie mais dans l'État en général, les anarchistes passent à côté de la question cruciale pour tous les courants politiques: comment libérer les travailleurs de la prison de l'État bourgeois? comment renverser la bourgeoisie?*».

Mais quelle «*puérilité*» (l'expression est de vous), n'est-ce pas? Reste à savoir si cette puérilité nous est imputable, à nous qui sommes incroyants - d'autant plus que l'athéisme, en politique, se fait appeler anarchisme - ou à vous qui, en tant qu'*archistes*, croyez encore au Père Noël ou aux contes de fées. À suivre...
